



CLIMA EXTREMO

Chuva faz 28 mortes no Espírito Santo e no Rio

Situação mais grave é a do município capixaba de Mimoso do Sul, onde houve 17 óbitos — no estado, são mais de 7 mil desalojados e cerca de 400 desabrigados. Previsão da meteorologia é de que as tempestades não darão trégua pelas próximas horas

» FABIO GRECCHI
» MARINA DANTAS*
» VITÓRIA TORRES*

Em pouco mais de 36 horas de fortes chuvas, a Região Sudeste registra a morte de 28 pessoas, vítimas de desabamentos ou das enxurradas em municípios capixabas e fluminenses. Dos dois estados, o Espírito Santo é o que apresenta a pior situação: desde a sexta-feira passada, são pelo menos 19 mortos e seis desaparecidos. No Rio de Janeiro, o saldo por enquanto é de nove óbitos.

O município capixaba mais afetado é Mimoso do Sul, onde houve 17 vítimas fatais — outras duas são de Apiacá. No estado, a Defesa Civil registrou 7.287 desalojados — que foram buscar abrigo na residência de parentes ou de amigos porque perderam ou tiveram a casa invadida pelas águas — e 411 estão desabrigados. Por conta dos estragos, o governador Renato Casagrande (PSB) chega, hoje, a Brasília para reunião com o ministro do Desenvolvimento Regional, Waldez Góes, a fim de obter mais recursos para a recuperação do estado no período pós-chuvas. Ele também reivindicará a ajuda do Exército nas obras de reconstrução.

Choro em vídeo

Em vídeo publicado nas redes sociais, o prefeito de Mimoso do Sul, Peter Costa, deixou claro o

Redes sociais/Reprodução



Cheia do rio Muqui do Sul deixou um rastro de destruição em várias regiões de Mimoso do Sul. Governador Renato Casagrande vem a Brasília pedir ajuda

desespero vivido pela população do município. “Mimoso todo está me ligando. Meu pai está com o barco dele salvando algumas pessoas. As pessoas dizendo que estão morrendo em um lugar, morrendo em outro lugar. Não sei mais o que fazer. Os bombeiros estão nas ruas. Tenho que colocar o barco na rua e ajudar as pessoas porque não dou conta. Tem mais de 100 ligações no meu telefone que

não consigo atender”, disse Peter, chorando. O rio Muqui do Sul, que corta a cidade, transbordou e inundou várias áreas da cidade.

A situação no estado vizinho, o Rio de Janeiro, também permanece grave. Os oito mortos registrados até agora são das regiões Serrana e dos Lagos, além da Baixada Fluminense — a Defesa Civil contabilizou 530 desabrigados desde a semana passada. A

situação mais grave é em Petrópolis, onde parte do cemitério municipal colapsou devido ao solo encharcado e deixou várias sepulturas à mostra. Na cidade, houve o maior número de mortes (quatro), sendo que também houve registros de óbitos em Teresópolis, Arraial do Cabo, Duque de Caxias e Nilópolis.

Segundo o Corpo de Bombeiros fluminense, 170 pessoas

foram resgatadas nas últimas horas. A corporação atuou em 111 inundações ou alagamentos e 32 desabamentos ou deslizamentos.

A previsão, porém, é de que a chuva não dará trégua aos dois estados. De acordo com o boletim da Defesa Civil do Espírito Santo, para hoje, há a probabilidade de as regiões Sul e Região Serrana enfrentarem de 15mm a 30mm de chuvas — no restante



Mimoso todo está me ligando. Meu pai está com o barco dele salvando algumas pessoas. As pessoas dizendo que estão morrendo em um lugar, morrendo em outro lugar. Não sei mais o que fazer. Tenho que colocar o barco na rua e ajudar as pessoas porque não dou conta”

Peter Costa, prefeito de Mimoso do Sul, em vídeo postado nas redes sociais

do estado, a estimativa é de que fique entre 5mm e 15mm.

No caso do Rio de Janeiro, a previsão de hoje até sexta-feira é de que ventos úmidos manterão o tempo instável. O estado voltou, ontem, ao Estágio 1 — no qual a instabilidade climática impacta pouco na vida do carioca.

*Estagiárias sob a supervisão de Fabio Grecchi



» Entrevista | GLADSON CAMELI | GOVERNADOR DO ACRE

“Defender o ambiente não é ser de esquerda”

» HENRIQUE LESSA
Enviado especial

Rio Branco — Com a ambiciosa meta de retirar a população do Acre de áreas de risco de inundação, o governador Gladson Cameli (PP) pretende levantar cerca de R\$ 400 milhões para esse projeto, que espera tornar a grande marca da gestão. Ele conversou com o **Correio** sobre os problemas do estado e a dependência dos recursos repassados pelo governo federal. Gladson, que assumiu com um discurso de pouca preocupação com meio ambiente, mudou o foco ainda no primeiro mandato e, agora, está convencido de que a floresta vale mais de pé do que no chão — mudança que, segundo seus interlocutores, veio por meio do convívio com as populações indígenas. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

O Acre ficou para trás na defesa do meio ambiente?

Não podemos politizar a questão ambiental. Parece que quem defende o meio ambiente é de esquerda e quem defende o

agronegócio, de direita. Defendo um agronegócio sustentável e sou contra desmatar uma árvore sequer. Tenho feito todas as ações para diminuir os índices de queimadas, de desmatamento. Você não consegue remar contra a maré. Preciso do apoio do governo federal e convidei o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para vir e discutir essas situações. Estamos investindo no turismo étnico, para que a gente possa valorizar quem vive na floresta.

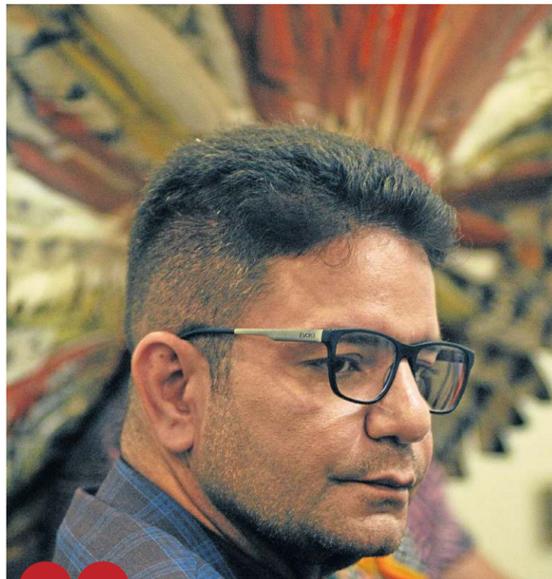
A população tem essa consciência ecológica?

Tem essa consciência da floresta em pé. Para ampliar o agronegócio, incentivar o plantio da soja, da pecuária, não preciso derrubar uma única árvore. O que está aberto aí é suficiente.

Todo ano, o Acre sofre com as cheias. Como enfrentar o problema?

Temos um grande problema: a regularização fundiária. A maioria das terras é da União e, para aderir aos programas habitacionais do governo central, tem que ter o documento da

Carlos Vieira CB/DA Press



Tenho feito todas as ações para diminuir os índices de queimadas, de desmatamento. Você não consegue remar contra a maré”

terra. É um processo para que possamos fazer essa regularização fundiária. Temos não só que

fazer unidades habitacionais — precisamos criar uma condição de saneamento e infraestrutura.



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista à entrevista com o governador Gladson Cameli na página do Correio no Daily Motion

O senhor disse que vai retirar toda população das áreas de risco com R\$ 400 milhões...

Essa é nossa expectativa inicial. O Acre precisa do governo federal. Hoje, 40% da economia do estado giram em torno da folha de pagamento (de órgãos públicos das três esferas). Precisamos gerar emprego, renda, criando condições estimulando a iniciativa privada a vir investir. Tenho que chegar para o governo federal, dar uma estimativa de pré-projeto, que vamos apresentar dia 18 (de abril). O presidente Lula já sinalizou em ajudar, seus

ministros vieram aqui, se colocaram à disposição.

A Amazônia é uma região na qual o crime organizado avança mais e mais. Como fica o Acre diante desse problema?

As facções querem enfrentar o poder público. Nossa fronteira é muito grande: temos dois países produtores de cocaína, Peru e Bolívia, e não temos pessoal para proteger essa fronteira toda. Para resolver, reestruturamos nossas polícias e fizemos parcerias com o governo federal por meio do Exército, da Polícia Federal (PF) e da Polícia Rodoviária Federal (PRF). Montamos, ainda, um batalhão (da Polícia Militar) de fronteira para combater esse contrabando. Não vou me curvar a essa situação. A polícia está agindo, mas essa não é uma guerra do Acre, do Brasil — é do mundo todo.

E a atuação federal no combate ao crime organizado?

O governo federal montou um centro de inteligência com todas as polícias dos estados da Amazônia para monitorar, prevenir, fazer um serviço de inteligência e combater essa situação. Estamos avançando, mas a situação é de sinal vermelho.

*O repórter e o fotógrafo viajaram a convite do governo do Acre